

potencial para matar

hannah deitch

Tradução de Carlos Pereira Martins



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para a minha família.

PARTE I

O CUSTO DA VIDA

Fui, em tempos, uma assassina famosa. Matei uma família rica, ao estilo do Manson, e depois tornei-me numa fugitiva. Mas a minha ideia não era provocar uma guerra étnica para alcançar a terra do leite e do mel, nem querer secretamente ser um Beatle. Segundo as notícias, eu era só mais uma assassina sedenta de fama, desesperada por gravar o meu rosto no Monte Rushmore dos grandes psicopatas estado-unidenses.

Isto não é verdade, mas, ainda assim, esta coisa de ser uma ex-assassina é uma frase de introdução divertida. Já pensei em usá-la na biografia de uma aplicação de encontros. Duas verdades e uma mentira: (1) desisti de um doutoramento, (2) percebo como funciona a bolsa de valores e já ganhei milhões!!!, (3) fui, em tempos, uma assassina famosa.

Também fui, em tempos, uma explicadora que preparava estudantes para o SAT¹, que foi como entrei em contacto com a família que garantidamente não matei. Uma das regras gramaticais da treta que ensinamos (estou a usar o «nós» majestático dos explicadores de SAT, a minha gente, os meus camaradas, os meus colegas vigaristas que vendem patranhas para pagar a renda) é a diferença entre a voz passiva e a voz ativa. Eu faço coisas. Coisas são feitas por mim. A primeira é ativa; a segunda é passiva. A voz passiva ilude. Convida ao folclore. Crimes cometidos sem criminosos. Sujeitos obscurecidos e desaparecidos. A voz ativa é melhor, mas a voz passiva é útil. Por exemplo, se fores um assassino.

Atos foram cometidos por mim. É mais fácil contar a história assim. O «mim» é quase secundário; passa a ser a parte menos importante da frase. Agora, o foco é o ato. Os Victors foram encontrados mortos. Os corpos dos Victors foram encontrados por mim.

Agora, quando penso no dia em que cheguei para dar explicações à Serena Victor e descobri o seu pai envolto em algas marinhas no lago de

¹ Scholastic Assessment Test, exame utilizado no sistema de ensino estado-unidense como parte do processo de candidatura ao ensino superior. (N. de T.)

carpas, azul, inchado e, sem dúvida, morto, quase o consigo imaginar como se fosse um filme que vi. Quando dou de caras com o buraco ensanguentado e desfeito que era o rosto da mãe dela, pareço um fantasma que encontra o local de um crime. Não tenho forma material. Não toco em nada, afastada do universo dos efeitos em cadeia e da entropia. Sou apenas uma passageira.

Mas, claro, eu fiz coisas. Decisões foram tomadas: eu tomei-as. Violência foi cometida: eu cometi-a. Locais de crimes foram abandonados: eu abandonei-os. Pessoas foram feridas: eu feri-as. Pessoas foram amadas: eu amei-as. Nem tudo o que fiz foi mau. Só a maior parte.

Penso muito numa história que li quando era adolescente. *O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam*, de Jorge Luis Borges. Na história, um professor chinês descobre a obra do seu antepassado Ts'ui Pen, que queria criar ao mesmo tempo um romance labiríntico e um labirinto impenetrável na vida real. O romance permaneceu inacabado e ininteligível, e acreditava-se amplamente que o labirinto nunca tinha sido localizado; na verdade, o romance e o labirinto eram uma e a mesma coisa. O professor conhece um estudioso de Ts'ui Pen, que lhe diz que aquilo que Ts'ui Pen imaginou foi um labirinto, não no espaço — um labirinto físico e real —, mas no tempo. As nossas decisões não são escolhas que eliminam todas as outras possibilidades pela sua certeza, mas um desdobramento do tempo no qual todas as outras escolhas possíveis existem, criando planos de tempo simultâneos. Por outras palavras, todas as decisões estão a ser tomadas, a todo o momento, todas ao mesmo tempo.

Há um universo no qual eu nunca vou à casa dos Victors. Eu e o meu colega de casa bebemos demasiado na noite anterior. Envio-lhes uma mensagem: «Lamento muito. Estou bastante doente. Podemos marcar para outro dia?» Mais tarde nesse dia, fico a saber dos homicídios pelas notícias, da mesma forma que o resto do mundo. Absorvo as especulações sedentas de sangue dos comentadores e as teorias mirabolantes dos entusiastas de histórias de crimes reais no Reddit. Conto a história em festas: Conhecem os Victors, a família milionária assassinada em LA? Eu dava explicações à filha deles. Mijei na sanita deles, bebi o chá deles e ensinei trigonometria à filha deles. Não seria nem sequer uma nota de rodapé.

Agora, sou eu a história. Escrevi-a. Ela escreveu-me.

A Serena Victor era o meu domingo à tarde. A Serena era uma das alunas a quem eu dava apoio genérico. Já trabalhava com ela havia quase oito semanas. Encontrávamo-nos duas horas por semana: preparação para o SAT na primeira hora e ajuda como os trabalhos de casa na segunda. Não fui a primeira explicadora da Serena: a Dinah mencionou que eu tive uma antecessora, mas tiveram de a dispensar. A implicação era clara. *Se a Serena não tiver sucesso, tu também não terás.*

Normalmente, a Serena precisava de ajuda com a disciplina de Língua e Composição de Nível Avançado e, por vezes, com Química de Nível Avançado. A Serena tinha faltado à escola nas últimas semanas, por isso, eu andava a tentar pô-la a par da matéria. A misteriosa doença da Serena não era contagiosa, garantiu-me a mãe, mas era suficientemente má para a Serena ter de ficar em casa, onde os pais a podiam vigiar de perto. A preparação para o SAT continuava a ser o foco principal. Nos testes de treino, ela tirava aproximadamente 1350. O seu valor mais alto foi 1480, o mais baixo foi 1220. Para uma miúda com aspirações a uma dispendiosa faculdade de artes liberais, era surpreendente que tivesse a sua melhor nota em Matemática. Matemática era o que eu gostava mais de ensinar. As fórmulas elegantes, os truques e a repetição. Era mais difícil aplicar uma metodologia fiável para treinar a compreensão da leitura. O progresso dos meus alunos era não-linear e imprevisível, e as descidas e os impasses nas notas mais difíceis de explicar aos pais.

Esses pais geralmente enquadravam-se numa de duas categorias. Ou estavam extremamente gratos por «toda a minha ajuda», ou profundamente desconfiados das minhas competências e dos valores que cobrava. Os Victors, contudo, pareciam gostar genuinamente de mim. O Peter, o pai da Serena, trabalhava na área das finanças. Era uma espécie de banqueiro, acho eu. Era tudo o que eu sabia. Dinheiro acumulado à custa das dívidas de outras pessoas; zeros a multiplicarem-se em contas bancárias enquanto

ele passava férias em Maiorca, no Mónaco e em Martha's Vineyard. Era baixo e tinha um bronzado artificial, com cabelo loiro-escuro com madeixas prateadas. Normalmente, estava ausente durante as minhas sessões, mas, nas raras ocasiões em que me recebia à porta, tinha a suavidade cativante de um homem solitário numa casa cheia de mulheres. Conheço o estilo. Era o tipo de pai que se imaginava a si mesmo como o pacificador, a voz serena da razão para equilibrar todo aquele estrogénio descontrolado.

Não tenho a certeza de quando o Peter conheceu a Dinah, ou como, mas sei que ela era uma atriz moderadamente famosa antes de se casarem. Abandonou a carreira depois de ter tido a Serena. No auge da fama, participou num drama nomeado para os Óscares sobre uma estrela subestimada de atletismo que alcança uma vitória inesperada. Uma vez, eu e os meus amigos ficámos pedrados e vimos o filme. A Dinah fazia da namorada boazona que se recusava a abandonar o protagonista depois de ele sofrer uma lesão no joelho e, graças ao seu apoio inabalável, ele conseguia superar tudo com coragem. Gostei mais do filme do que estava disposta a admitir.

E depois havia a Serena. A Serena Victor era uma rapariga tímida de dezassete anos, com cabelo cor de milho brilhante e um rosto que parecia o de uma boneca de porcelana. Usava vestidos, saias e camisolas felpudas em segunda mão, e as suas pernas estavam cobertas de pelos finos e loiros de cor de pêssego. Quando a conheci, o cabelo caía-lhe quase até à cintura. Na terceira semana, já o tinha cortado ao estilo do da Jean Seberg: foi a referência que ela me deu, o que foi a sua forma de me mostrar que sabia quem era o Jean-Luc Godard. Suspeitava de que, apesar da sua beleza, ela era impopular na escola. Ambicionava uma identidade pelo seu gosto literário, cinematográfico e musical, e facilmente se envergonhava e julgava os outros. Eu tinha uma predisposição injusta para não gostar dela. A sua timidez fazia-me lembrar os miúdos ricos antissociais com os quais tinha andado na faculdade, que vagueavam pelo *campus*, fumando compulsivamente e mal-humorados. Conseguia ver perfeitamente o seu futuro. Um mestrado em poesia ou um doutoramento em Literatura Moderna. A brincar à pobreza boémia numa moradia vitoriana com dois quartos, na Mission. Sabia o suficiente sobre o seu namorado, o Lukas, para compreender que tipos de rapazes lhe interessavam. Tinha visto fotografias do Lukas no ecrã de bloqueio do telemóvel dela e na Polaroid que ela mantinha colada na capa do iPhone. O cabelo dele era comprido e despenteado, loiro-escuro, uma versão desbotada do dourado brilhante da Serena. Tinha um maxilar muito quadrado e bochechas muito côncavas, como cera derretida sobre

um crânio. O Lukas era vegetariano e enrolava os seus próprios cigarros. Por volta dos vinte e poucos anos, a Serena já teria trocado o Lukas por exemplares mais brilhantes, variantes do mesmo homem, cujos gostos culturais sinalizam a sua credibilidade alternativa. O *merchandising* já gasto de bandas de que ninguém ouviu falar, o cabelo oleoso, os ténis antigos, os bigodes, as tatuagens feitas à mão. Serão ricos, tal como a Serena, mas esconderão isso bem. Por fim, ela terá um noivo ligado à área da tecnologia, talvez de origem sueca ou norueguesa, que desenvolve aplicações, toma muita MDMA e se considera uma autoridade em *hip-hop* estado-unidense. Ou será um miúdo riquinho criado em Nova Iorque, que trabalha no mercado imobiliário e toca numa banda de *covers* dos Dinosaur Jr. aos fins de semana. Enquanto isso, a Serena pinta, ou compra arte, ou abre uma clínica de bem-estar caríssima, enquanto termina a dissertação sobre a melancolia e o corpo feminino na poesia pastoral inglesa.

Se vos pareço cruel ou mesquinha, não vou tentar defender-me. Se servir de consolo, posso garantir-vos que os sentimentos da Serena permaneceram protegidos dos meus maldosos pensamentos. Eu era muito boa em fingir que gostava dela quando estava com ela e sejamos sinceros: não interessava se eu gostava dela ou não. Ela vivia na casa mais bonita em que eu alguma vez pusera os pés, uma casa em que eu nunca poderia viver, uma casa tão fantástica, que não parecia pertencer ao meu mundo. Mas ali estava ela, nas colinas de Los Feliz, aninhada entre casas Tudor inglesas, casas coloniais espanholas e chalés suíços.

Na sala de estar, a única luz espalhava um verde-marinheiro através de um vitral prismático, inspirado na *Árvore da Vida*, de Klimt. Corredores labirínticos surgiam sem nenhuma lógica, improváveis e surreais. A mobília da Dinah Victor era ao estilo da antiga Hollywood, longos sofás de veludo e candelabros medievais. Tapetes persas, azulejos marroquinos azul-marinhos na casa de banho, banheiras opalescentes como o interior de uma concha, com pés em forma de garras douradas. Durante duas horas, todas as semanas, trabalhávamos na sala de jantar e, ocasionalmente, na sala de estar ou na cozinha. Durante essas duas horas, metade da minha mente estava focada na tarefa em mãos: explicar à Serena parábolas, modificadores mal colocados e o teorema de Pitágoras. A outra metade viajava por aquelas divisões, deliciando-se com cada detalhe. O sabonete de cem dólares feito de jasmim e açafrão. Erro de vírgula. A mesa de borda viva talhada de madeira portuguesa. Polinómios. Papel de parede de seda pintado à mão da *de Gournay*. Paralelismo.

Confesso que, em momentos de fraqueza e autodepreciação, sou vulnerável à pornografia imobiliária. Gosto dela velha. É ao Zillow que vou buscar a minha dose. Mas, na casa dos Victors, tive de pôr em prática o meu caríssimo diploma em História da Arte. O arquiteto era um artista surrealista chamado Emmanuel Besos, um aristocrata espanhol que veio para a Califórnia trabalhar na indústria cinematográfica, ainda nos seus primórdios. Construiu cenários para musicais e épicos históricos: escadarias tão grandes, que desapareciam nas nuvens, salões de baile de contos de fada, jardins e cordilheiras. A casa dos Victors foi uma das três casas residenciais que ele projetou em Los Angeles, na década de 1920. Queria usar a casa para experimentar uma nova forma de construir alojamentos para os criados. Besos concebeu um labirinto de passagens secretas e portas escondidas, concebido para manter o pessoal fora de vista. De acordo com o artigo que encontrei, as passagens eram um mito: nunca ninguém tinha encontrado provas da existência delas e não existiam na planta oficial da casa. Eram apenas um dos caprichos de Besos, nunca materializados.

A rotina com a Serena era sempre a mesma. Eu estacionava na rua. Conduzia um PT Cruiser preto de 2003 que herdei de um tio-avô falecido. Parecia perigosamente merdoso na rua apinhada de Teslas. Do porta-bagagem, tirava quatro livros: *Princeton Review SAT*, *College Board Sat*, um livro de exercícios de matemática e o romance que ela estivesse a ler na disciplina de Língua e Composição de Nível Avançado. Naquela semana, era o *Frankenstein*. Subia pela entrada de automóveis, passando sobre o fosso (sim, um fosso a sério), e através do exuberante jardim frontal com suculentas e limoeiros, até à enorme porta de carvalho, que, no domingo em que esta história começa, já estava completamente aberta.

Aquilo era invulgar.

— Serena? — Não entrei. Do vão da porta, conseguia sentir o aroma familiar da casa: aquele mofo rançoso que tantas casas em LA possuem, todas aquelas propriedades da década de 1920 que decoram as colinas. A Dinah Victor gostava de incenso caro e de chá de menta. Também conseguia cheirar esses dois.

— Serena? — voltei a chamar. Continuavam sem responder, excetuando o cão, que saiu deslizando da escuridão e se lançou às minhas pernas. Mordeu-me o tornozelo.

— *Pickle*, seu cabrão.

O cão voltou a morder-me o tornozelo. Mordidas suaves e húmidas, que não perfuravam a pele, mas que eram incrivelmente irritantes.

— Dinah? Olá?

Lembrei-me de que a Dinah não tinha estado em casa nas últimas semanas. Tinha sido o Peter a abrir-me a porta.

— Peter? — chamei.

Nada. Entrei. A entrada principal tinha o teto baixo e era escura, e havia uma sala de jantar à esquerda do átrio. Era ali que eu e a Serena normalmente trabalhávamos. Pousei a minha pilha de livros. Havia sons que preenchiam a casa. De algum canto da sua acústica sombria, ouvi um baque. Uma torneira corria.

Voltei ao corredor principal. A luz do Sol implorava por entrar, escorrendo por de baixo de uma fresta das persianas, espalhando moedas de luz sobre a madeira marcada pelo tempo. Ao lado da sala de jantar, havia uma pequena casa de banho que eu costumava usar assim que chegava. Fazia parte da minha rotina em todas as casas onde dava explicações: um momento de privacidade para mijar ou cagar numa casa de banho bonita, para me preparar para a atuação de Evie Gordon, a Explicadora de SAT. Os Victors guardavam guardanapos de papel num prato dourado. Por vezes, perguntava a mim mesma se isso era para os auxiliares não usarem as toalhas de mãos deles. «Os auxiliares» era uma categoria flexível à qual nunca tive a certeza de pertencer. É o problema dos explicadores privados. Não somos professores. Não temos esse tipo de autoridade. E, ainda assim, entre mim e os miúdos há pelo menos a ilusão de que estou no comando: um contrato silencioso observado entre nós os dois de que participaremos mutuamente naquela atuação. Por vezes, para dar início ao espetáculo, os pais querem tratar-me por «Menina Gordon». Eu asseguro-lhes, benevolentemente: não, não. Por favor, tratem-me por Evie.

Voltei à sala de jantar, esperando encontrar a Serena. Ela ainda não estava lá. Sentei-me, ainda assim. Pensei em acender uma luz ou abrir as cortinas. O meu telemóvel estava no bolso. Enviei uma mensagem à Serena e à Dinah, separadamente: «Olá! Cheguei.»

Um telefone vibrou, algures na casa.

Portanto, havia alguém em casa. Pensei em enviar um *emoji* sorridente de seguida. A Serena e a Dinah gostam de gestos desses. Tornava menos conflagrador o facto de me pagarem e permitia-lhes pensar que eu era apenas a amiga mais velha da Serena que adorava corrigir-lhe a gramática. Para algumas famílias para as quais trabalhei, essa ilusão ajudava: serem lembradas da origem transacional da nossa relação fazia-as sentir-se mal. Os Victors eram assim. A Dinah oferecia-me sempre chá. Queria saber o

que eu achava do Afeganistão, qual era o meu romance favorito de Virginia Woolf e o que significavam as minhas tatuagens.

Ninguém vinha.

Olhei para o meu telemóvel. Nenhuma delas tinha respondido. Escutei atentamente a casa, em busca dos suspiros e murmúrios das tábuas do chão. Tinha a certeza de que tinha ouvido uma torneira a correr. Agora, já não ouvia nada.

Devagarinho, levantei-me da mesa. Parecia importante manter o silêncio, por razões que ainda não compreendia. Desci devagar o corredor escuro, passando pela casa de banho com os sabonetes e loções caras e pelo gabinete escuro do Sr. Victor, até chegar à cozinha.

Já ali tinha estado algumas vezes para tomar chá, para conversas de circunstância e, uma vez, para dar explicações na mesa de pequeno-almoço em estilo de camarote, por baixo da janela de vitral. O fogão era francês e antigo. Panelas de cobre pendiam, em estilo rústico, de uma grossa trave de madeira. As paredes e o chão eram de pedra: parecia que a divisão fazia parte de um castelo, como algo saído de outro mundo. Um par de portas em arco dava para o jardim das traseiras.

Uma das portas estava aberta. Ali perto, estava uma mala de viagem e uma bolsa caída. Talvez a Dinah tivesse regressado de aonde quer que tivesse ido. A luz entrava pela arcada aberta na cozinha, espessa, melosa e rodopiando com partículas de pó.

— Dinha? — Hesitantemente, empurrei ainda mais a porta para a abrir e dei um passo para o exterior, colocando uma mão sobre os olhos para os proteger do Sol.

Ladrilhos de terracota formavam um caminho serpenteante, ladeado por treliças de ferro entrelaçadas com hera. Uma piscina azul-escura, como que saída de um balneário romano. Um aroma a hortelã e manjerição emanava da horta. Tomates maduros nas videiras. Um jardim dava lugar a um quintal coberto de ciprestes. Um jacúzi, de que eu suspeitava ser raramente usado. Havia catos e suculentas lovecraftianos, com línguas espessas e espinhosas, cobertas de teias de aranha. Superfícies vegetais macias em cores estranhas, roxas, menta e tangerina. Fileiras e fileiras de dentes. Havia uma ponte pedonal e, por baixo dela, um lago de carpas. Havia tanto para ver, tanta cor, vida e luz solar, que, no início, nem reparei na Dinah e no Peter.

Foi o corpo da Dinah que registei. Não me lembro de muitos detalhes. O cérebro fica anestesiado. Conseguia vê-la claramente — era tão real e física como eu e vocês —, mas adquiriu imediatamente uma espécie de

irrealidade. O que quer que a Dinah fosse já não era uma pessoa. A Dinah era carne. O rosto era tecido e vísceras. Ao lado dela, havia uma pedra manchada de sangue.

A cabeça do Peter estava dentro do lago de carpas. O rosto e a garganta tinham uma cor roxo-azulada, o corpo estava branco. Uma carpa nadava vertiginosamente perto da boca aberta dele. Ao nadar-lhe em volta da cabeça, deixava atrás de si um fluxo de bolhas, pelo que quase parecia que ele respirava. Nunca tinha visto um cadáver antes, muito menos dois, mas sabia o suficiente para compreender que tinham morrido havia pouco tempo. O sangue na cara desfeita da Dinah parecia húmido e brilhante e ainda nenhum dos cadáveres cheirava mal.

Não consegui gritar, nem fazer nenhum som. Simplesmente, fugi. Tropecei em algo. Uma pedra, talvez. O sangue rugia-me nos ouvidos, um martelo pneumático no fundo do meu crânio. O meu corpo movia-se por conta própria, regressando pelo caminho de azulejos, através da hera e da hortelã, até à cozinha fria e escura e ao corredor ainda mais escuro, passando pelo escritório, pela casa de banho e pela sala de jantar até à porta da frente, que permanecia entreaberta.

Quando tentava alcançar a maçaneta, ouvi um som horrível. Um som humano.

Soava muito a «Socorro».

Não sou uma pessoa boa ou virtuosa: quero deixar isso bem claro. Naquele momento, nem sequer pensava em chamar a polícia até me afastar o suficiente do local do crime. Dir-lhes-ia a verdade: «Olá, agentes. Sou uma explicadora de preparação para o SAT no local errado, à hora errada; vocês conhecem a história, conseguem perceber. Por favor, percebam. Peço desculpa por ter fugido, mas não me apetecia morrer, não agora, não hoje. Não por eles.»

Mas havia alguma coisa naquele «Socorro». Segui o som até às escadas. Debaixo delas, havia uma pequena porta. Tinha uma forma arredondada e vagamente sinistra de uma casinha de conto de fadas.

— Por favor — disse a voz. Era baixa e gutural. Não era a voz da Serena.

Houve um som dilacerante e depois um suspiro de dor. Um soluço lamentoso e quebrado. Tentei abrir a porta. Estava trancada.

— Não consigo... Não consigo abrir... — De novo, aquele coaxar terrível e sussurrante.

— Merda. — Rodei a maçaneta da porta com a máxima força que consegui. Não se movia. A pessoa chorava agora com mais intensidade.

— Por favor — suspirou a voz —, por favor...

— Merda, merda, merda... — Atirei o meu corpo contra a porta. As dobradiças tremeram. Fi-lo uma e outra vez, anestesiando o ombro com a dor, até que, finalmente, a porta se abriu com estrondo. Olhei lá para dentro.

Olhos na escuridão. Olhos assombrados, fitando de um rosto vazio. Não conseguia perceber se pertenciam a um homem, uma mulher ou uma criança. A cabeça era um emaranhado irregular de cabelos descolorados e pretos, com raízes escuras tão oleosas, que pareciam molhadas. Os traços do rosto ganhavam vida aos poucos, como o ecrã de um computador a reiniciar. Lábios gretados. Maças do rosto sujas e encovadas. Um hematoma em forma de mão, em carne viva e salpicado de sangue nas bordas, manchava-lhe a garganta. O quarto debaixo das escadas tinha um teto baixo e inclinado, e a prisioneira — uma mulher mais ou menos da minha idade, pelo que agora percebia — encolhia-se junto à parede, com a cabeça encostada ao teto inclinado. Parecia um rapaz de uma banda *punk* dos anos 70, a viver de heroína, cigarros e do que conseguisse encontrar no lixo. Usava botas de combate pretas e calças de ganga pretas tão finas, que se lhe colavam às pernas magras como papel de seda. Uma *T-shirt* amarela de que eu suspeitava que, em tempos, fora branca e um casaco de cabedal. Olhámos uma para a outra, atónitas. O peito dela, tão plano como o de um rapaz, arfava com esforço. Ela não se movia.

Entrei. Demorei um instante a perceber que a mulher estava amarrada. Não com uma corda, mas com um fio elétrico desfiado, coberto de marcas de dentadas. Ela tinha tentado libertar-se mordendo o fio. Estava amarrada à trave mais baixa, a cerca de metro e meio da entrada da divisão, que era estreita e se prolongava mais além do que a minha visão conseguia alcançar na escuridão. A mulher estremeceu quando me aproximei. O cheiro... Um cheiro terrível envolvia-a, mas não era de suor ou sujidade. Era podridão. Fruta fora de prazo e animais atropelados. Há quanto tempo estaria debaixo das escadas?

— Vou desamarrar-te — disse suavemente.

Por momentos, tive medo de que ela tentasse atacar-me por algum instinto de animal aterrorizado. Pensei em cães vadios encurralados, mostrando os dentes cobertos de espuma. Mas ela não lutou; recuou tanto quanto pôde para me dar espaço. O fio estava enrolado numa trave e quase não havia folga. Fechou as mãos com força, depois abriu-as, lutando por fazer o sangue circular.

Quando lhe toquei na mão, ela sobressaltou-se. Conseguiu ouvir-lhe o chiar dos pulmões, como se cada expiração saísse de algo perfurado. Os lábios, a um hálito azedo de distância dos meus, estavam tão gretados, que sangravam. Uma estranha paciência apoderou-se de mim e trabalhou no nó apertado até ceder o suficiente para lhe soltar os pulsos. Um espasmo tomou-lhe conta das mãos. Ela olhou para as articulações e para os dedos como se fossem algo que não lhe pertencia. Olhou para cima e os seus olhos encontraram os meus na escuridão.

Estava tão focada na mulher e no barulho esforçado da sua respiração, que não ouvi o som de passos a aproximarem-se. Foi a mulher quem me alertou: agarrou-me pelo braço e arrastou-me consigo até ao corredor principal.

A Serena precisou de um momento para dar por nós. Escrevia uma mensagem no telemóvel enquanto entrava em casa, mas o seu semblante mudou quando me viu e à mulher.

A mulher correu imediatamente para a porta aberta, mas a Serena bloqueou-lhe a passagem com um grito assustado.

A mulher ficou imóvel, agarrando-se ao corrimão das escadas com medo, os olhos alternando entre a Serena e a porta.

A Serena procurou, Tateando, o telemóvel, com a voz estridente de pânico.

— Cento e...

A mulher correu em direção à porta. A Serena fechou-a com força, ainda agarrada ao telemóvel.

— Cento e... — tentou novamente, gritando, mas a mulher conseguiu arrancar-lhe o telemóvel da mão e atirá-lo para o outro lado da sala.

Caiu mesmo aos meus pés.

A Serena olhou para mim e depois para o telemóvel.

Sem pensar, peguei nele e estendi a mão em sinal de advertência.

— Serena... — disse lentamente. — Deixa-me explicar o que se passa. Acho que não estás a compreender.

Eu também não compreendia o que se passava, embora conseguisse entender o que a Serena estava a imaginar. Pensava que a mulher era uma intrusa e queria chamar a polícia por causa dela.

Por causa de nós as duas.

A Serena respirava com dificuldade, como um animal encurralado, enquanto recuava lentamente para o corredor. Com um soluço, agarrou num candeeiro do aparador da entrada; tinha uma pesada base dourada.

— Não te aproximes de mim — balbuciou, erguendo o candeeiro como um taco. — Eu... Eu...

— Serena, por favor, deixa-me só explicar...

Ela gritou, aterrorizada, enquanto eu me aproximava, com a mão a tatear a parede, como se procurasse algo.

Um telefone fixo.

Foi assim que vi desenrolar-se a seguinte cadeia de acontecimentos.

Passo Um: A Serena julgava que me tinha apanhado a mim e a uma estranha imunda a roubar a casa dela. Se a polícia chegasse, seríamos presas.

Passo Dois: A polícia e a Serena descobririam os corpos recém-assassinados dos pais dela no jardim e seríamos rapidamente acusadas de homicídio.

Passo Três: Um julgamento violento e sensacionalista.

Passo Quatro: *Orange Is the New Black: O Spin-Off de Evie Gordon*. Pena de prisão perpétua.

E surgiu, então, o terceiro dos meus grandes erros, a seguir a resgatar a mulher amarrada e a ter ido trabalhar naquele dia, para começar.

Tentei tirar-lhe o telefone.

A Serena não hesitou. Levantou o candeeiro e bateu-me com ele na cabeça.

É impossível descrever a dor e é ainda mais difícil recordá-la. Nunca me tinham atingido com tanta força com algo tão pesado. Parecia que o espaço entre as minhas orelhas estava vazio, uma chávena sem cérebro, enchendo-se lentamente de sangue. Pensei que a minha cabeça pudesse estilhaçar-se como um ovo, com sangue e uma gema a escorrer-me pela cara abaixo. Bati contra a escada e contra a mulher, recuando aos trambolhões. O telefone da Serena deslizou pelo chão. O sangue pingava-me do rosto e senti a mulher pegar-me na mão para me ajudar a levantar-me, afastando ao mesmo tempo o telemóvel da Serena com um pontapé.

O candeeiro vinha novamente na minha direção. Cambaleei para trás e agarrei na primeira coisa que pude para me proteger do golpe. Era um vaso, muito mais pesado do que eu pensava.

— Serena, para!

A Serena gritava sem palavras. Um som cru, involuntário. Ergueu o candeeiro e desferiu um golpe. Eu atirei o vaso com toda a força que consegui.

O som do vaso a acertar na cabeça da Serena foi pesado e denso. Ela caiu, ainda tentando recuar, mesmo com os olhos a revirarem-se.

Desmaiou.

Rastejei para a frente, em choque.

Ela não se movia.

Senti-lhe a pulsação.

Nada.

Enterrei profundamente os dedos no tecido macio da garganta dela, procurando e procurando por ela.

Não a sentia.

Subi para cima dela, abrindo-lhe as pálpebras sem encontrar nada além de gavinhas azuis a enrolarem-se em torno do branco dos globos oculares dela. Passei-lhe as costas da mão no rosto. A cabeça pendia, inerte.

Ela não podia estar morta. Não era possível.

Senti-lhe a pulsação outra vez.

Ainda nada.

— Não... — A minha voz soava estranha. — Não. Não...

A minha cabeça começou a vacilar.

— Uma ambulância... Podíamos... Devíamos...

Não podíamos nem devíamos. Se chamássemos uma ambulância, estaríamos a convidar os paramédicos para o local de um crime. Prender-me-iam pelo homicídio de toda a família Victor.

Mas é isso que as pessoas fazem. Na televisão, quando isto acontece — quando acontece uma morte, quando uma pessoa está viva e depois deixa de estar, quando não é de velhice nem de cancro, quando é uma arma, uma faca, o coronel Mustard com um castiçal no salão de baile, alguém a agarrar no objeto mais pesado que encontrar e a atirá-lo com toda a força —, vem a polícia. Na televisão, chama-se a polícia, e aparece o elenco da série *Lei & Ordem*, e os maus vão para a prisão, e a justiça é restaurada, e vemos o episódio seguinte, e volta a acontecer tudo outra vez, e outra vez, e...

Eu chorava. A mulher — que não chorava — pegou-me no queixo e virou-me o rosto para o espelho por cima do aparador da entrada. Já tinha olhado tantas vezes para aquele espelho... Tirando *selfies* atrevidas ao espelho para uma história do Instagram, verificando os dentes em busca de alface do Taco Bell perdida que devorara no carro, pelo caminho. Provavelmente, aquele espelho tinha custado milhares de dólares. Uma antiguidade preciosa, com moldura dourada. Confrontei-me com a realidade dos nossos reflexos. As minhas calças de ganga da *Target*, as minhas botas em segunda mão. O sangue a escorrer-me pelas mãos e pelo rosto. Já me vira antes, em documentários de crimes reais da Netflix sobre assassinos em série, em fotos de

identificação, em filmes de *suspense* rascas. Sabia exatamente que conclusões um polícia tiraria se me visse ao lado do cadáver da Serena.

No reflexo do espelho, os olhos da mulher cravaram-se nos meus. *Olha para nós*, diziam os seus olhos. Parecia acabada de sair da sanita de *Trainspotting*. Eu parecia a Carrie, do filme *Carrie*.

Ela queria fugir.

— Por favor — foram as únicas palavras que conseguiu pronunciar e precisou de todas as suas forças para as dizer. Fechou os olhos, com os lábios a estremecer na tentativa de produzir outra palavra. Tremia.

Algo lhe tinha acontecido naquela casa. Tinham-lhe feito mal ali. Um dos Victors fizera-lhe mal. O Peter ou a Dinah. Talvez até a Serena.

Talvez todos eles.

— Serena? — exclamou uma voz atrás de nós.

O meu sistema nervoso deu um espasmo final, como num leito de morte.

Quase me ri. É claro que tinha de haver mais uma pessoa.

Era um rapaz adolescente. Reconheci-o imediatamente das fotos do telemóvel da Serena.

O Lukas. O namorado da Serena.

Ele viu-me, coberta de sangue. Viu a mulher. Viu a Serena, a namorada, imóvel como um cadáver.

— Que merda é esta... — Correu para a frente. — Meu Deus, Serena, *meu Deus*...

Nós já íamos a fugir. A escolha foi feita por nós. A mulher agarrou-me a mão e arrastou-me para longe do Lukas, que começou a gritar. A minha visão rodopiava, caleidoscópica, captando plantas, fosso, erva, Sol ofuscante. A rua. O meu carro. A mulher pegou-me pelos braços e sacudi-me até eu me concentrar nela. Novamente, os seus olhos. Escuros e alertas.

— Chaves — disse ela.

— Chaves — repeti.

Mal conseguia ver.

Ela meteu a mão no bolso da frente das minhas calças e tirou as chaves, pressionando-as contra as minhas palmas das mãos, trémulas. De alguma forma, entrámos no carro. Rodei a chave na ignição e a adrenalina tomou conta de mim. A mulher estava no banco do passageiro, olhando em choque para a rua ensolarada à nossa frente. Ao longe, soava uma sirene da polícia.

— Para onde é que nós vamos? — perguntei.

Nós. Foi com esta rapidez que a decisão foi tomada.